

**10974 - Desenvolvimento sustentável e educação popular no semiárido: um estudo de caso dos impactos do projeto Umbuzeiro na região do Piemonte da Diamantina/BA, 2011**

*Sustainable rural development and popular education: a case study of the impacts of the Umbuzeiro project in the region of the Piemonte da Diamantina-BA, 2011*

CHAIGNEAU, Mathilde

Instituto de Permacultura da Bahia (IPB) / Université Paris III – Sorbonne Nouvelle (IHEAL),  
[mathilde.chai@gmail.com](mailto:mathilde.chai@gmail.com)

**Resumo:** Este texto trata da avaliação do projeto Umbuzeiro, que foi concebido inicialmente como uma formação técnica-pedagógica para a formação de educadores populares agroecológicos. Ultimamente, este projeto tem tomado uma dimensão política. Após a apresentação da metodologia e a interpretação teórica do projeto, o texto mostra os efeitos concretos e algumas conclusões que foram tiradas. As observações da avaliação destacam o papel importante das relações interpessoais, da união da comunidade, e da conscientização para atingir esta dimensão política.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento rural sustentável, educação popular, agroecologia, avaliação de impactos.

**Summary:** This summary deals with the evaluation of the *Umbuzeiro* project, which was initially designed as a technical and pedagogical course for popular and agroecological educators. This project has recently gained a political dimension. After introducing the methodology and the theoretical interpretation of the project, this text shows the concrete results and their conclusions. The observations made emphasize the important role of inter-personal relations, union of the community and “consciousness rising” in order to reach this political dimension.

**Keywords:** Rural sustainable development, popular education, agroecology, impact evaluation.

### **Introdução**

Há alguns anos a cara do semiárido tem mudado graças a vários programas e projetos. Os próprios habitantes acham mais fácil viver na zona rural hoje do que uma ou duas décadas atrás. Antes, as políticas públicas e o serviço de extensão rural se concentravam ainda em levar soluções tecnológicas da revolução verde para promover o desenvolvimento e assim “modernizar” a agricultura familiar (AB’SÁBER, 1999). Mesmo tendo novos esforços para ter políticas públicas alternativas e mais participativas (THEODORO, 2009), o semiárido ainda enfrenta muitos pontos problemáticos. Um deles é a ausência de profissionais capazes de ajudar na construção de um processo de desenvolvimento sustentável próprio às especificidades dessa região.

O objetivo do projeto Umbuzeiro – Escola Sustentável do Semiárido está justamente no cerne desta questão: formar agricultores (ou jovens filhos de agricultores) como educadores populares agroecológicos. Espera-se que os futuros educadores populares ajudem a construir nas comunidades um processo de desenvolvimento sustentável adaptado ao semiárido. O quadro teórico e metodológico da Escola Umbuzeiro foi desenhado de maneira participativa por agricultores e técnicos do Instituto de

Permacultura da Bahia, organização à qual o projeto está ligado, em um processo que durou cerca de dois anos. Este quadro compreende principalmente à teoria de Paulo Freire sobre a educação popular e dialógica, à pedagogia da alternância e à agroecologia como base para o desenvolvimento sustentável.

Esta formação funciona com encontros regionais mensais de um dia e encontros gerais de uma semana acontecendo a cada três meses. Estes encontros são organizados em lugares diferentes e, no caso dos gerais, pode ser inclusive fora da Bahia. Além dos encontros, cada educando dedica cinco dias por mês, em subgrupo de três pessoas, a atividades em comunidades ou organizações sociais que eles próprios escolheram.

Esta proposta teórica e metodológica é sedutora e inovadora para quem conhece os efeitos perversos que a extensão rural teve. Portanto, é importante fazer uma avaliação para ver se esses objetivos estão sendo cumpridos e se esta metodologia tem funcionado bem, já que o projeto concluiu uma fase inicial em 2010 e iniciou seu segundo ciclo (2011/2012). Esta avaliação permite enxergar o potencial de impactos que podem ter tais tipos de projetos.

### **Metodologia**

A metodologia da avaliação partiu de uma análise documental das avaliações feitas na primeira fase do projeto e de outros documentos descritivos da formação. Já que a agroecologia dá uma importância particular aos conhecimentos e opiniões dos agricultores e das estruturas sociais existentes no meio (ALTIERI, 2004), decidiu-se partir das referências citadas e usadas pela coordenação e os criadores durante um grupo focal para elaborar uma interpretação teórica da proposta do projeto. Então, a seguinte problemática foi elaborada: Como construir o conhecimento agroecológico com base na educação popular de tal maneira a iniciar um processo de desenvolvimento sustentável no semiárido?

Além do grupo focal com os criadores, foram organizadas entrevistas com dez educandos da primeira etapa do projeto. Cinco deles ainda fazem parte do projeto. Ademais, foram realizados quatro grupos focais em diferentes municípios, todos com comunidades que participaram da primeira etapa sendo que duas delas ainda participam.

Esta avaliação discute, portanto, os resultados do projeto Umbuzeiro dentro dos seus objetivos e da sua interpretação teórica. Os outros eixos da avaliação tratam dos impactos e efeitos concretos assim como os limites encontrados na atuação da Escola Umbuzeiro. Partindo dessas respostas, pode-se ver como o projeto está cumprindo seu objetivo principal de formar educadores populares agroecológicos que sejam facilitadores de processos de desenvolvimento sustentável.

### **Resultados e discussão**

#### **Pontos conceituais do projeto**

Em relação à interpretação teórica do projeto podem-se destacar vários conceitos importantes para os criadores. O termo conscientização, por exemplo, apareceu várias vezes no grupo focal e parece muito importante em relação ao objetivo do projeto. Este termo sendo um conceito chave da teoria inicial de Freire tem um papel importante na libertação do indivíduo e pode influenciar na construção do desenvolvimento sustentável.

Segundo Freire (1968 apud SCOCUGLIA, 2007), trata-se de um ato liberador e para os coordenadores, a conscientização vai contribuir para poder tomar decisões corretas em relação ao desenvolvimento da comunidade e da região de cada um. A conscientização, para eles, não significa somente aprender ou adquirir conhecimentos, mas ajudar a abrir os olhos sobre sua realidade.

Também, por desenvolvimento, procura-se, seguindo os termos do projeto, uma melhor qualidade de vida para os habitantes do semiárido, uma vida com dignidade e autonomia. Para os criadores, o primeiro passo será com as necessidades básicas satisfeitas e depois com uma “consciência profunda de si e da realidade no seu entorno”. O desenvolvimento sustentável, portanto, na ideia deles e de Moreira (2004) não se trata necessariamente de um desenvolvimento econômico que seja sustentável.

Em busca de um desenvolvimento rural sustentável, deve-se lembrar também que a multidisciplinaridade da agroecologia é fundamental e que o diálogo entre pesquisadores (ou ecólogos) e agricultores ajudará certamente (ALTIERI, 2004). Além disso, Altieri (2004) lembra que o conhecimento rural é baseado na observação e na aprendizagem experimental. É provavelmente por isso que o projeto Umbuzeiro tem um funcionamento que parte da pedagogia da alternância, da educação dialógica e da educação popular, além de convidar profissionais para os encontros.

### **Impactos e conclusões**

Com as atividades da Escola Umbuzeiro nas comunidades, as pessoas se sentiram, em geral, mais preparadas para resolver problemas cotidianos. Para os educandos, a aquisição de habilidades técnicas do tipo “faça você mesmo” ajudou a resolver problemas de relacionamento e também financeiros. Além disso, questões das comunidades ou das associações foram resolvidas mais facilmente graças ao apoio dos educandos. Nas comunidades, as pessoas sentiram uma maior dinâmica dentro da associação ou do grupo de moradores em si a partir das atividades desenvolvidas. Em algumas comunidades, a união entre as pessoas melhorou de maneira significativa. Também quase todas as comunidades entrevistadas acham que é preciso ter união para poder trabalhar bem, e respeitar o meio ambiente. O educando Zé Adriano ressaltou que o trabalho agroecológico é um trabalho em parceria. O que mais incomodou as comunidades e alguns educandos foi que nem todos os moradores participavam dessas atividades. Isto resalta a fundamental importância das relações interpessoais, tema abordado durante o quarto encontro geral do ano passado. Este encontro contribuiu em particular na melhoria das relações entre educandos e facilitou o trabalho deles.

De quatro comunidades entrevistadas, três entraram num processo benéfico de cultivo de novos tipos de plantas, sendo tempero verde, verduras ou outro tipo de feijão. Este fato é importante já que no projeto Umbuzeiro, a segurança alimentar é considerada como fundamental: a autonomia, segundo a coordenadora Dirce, passa por ter aquilo que você precisa. Em particular, houve três casos em que as atividades da Escola Umbuzeiro contribuíram para a geração ou economia de renda. Em dois casos, este processo aconteceu no nível da comunidade, quando os moradores chegaram a participar de maneira otimizada na feira agroecológica do município de Serrolândia ou quando se juntaram para realizar o processamento de frutas. Fora isso, algumas pessoas em três das quatro comunidades começaram a produzir individualmente em hortas, resultando na economia de dinheiro e/ou geração de renda. Mesmo assim, foram relativamente poucas

as pessoas que desenvolveram essa atividade com autonomia, mas pode-se esperar que elas sejam consideradas como “exemplos” para o futuro.

Parece que os participantes do projeto (educandos e comunitários) internalizaram muito bem as técnicas e os elementos mais empíricos da formação. Eles demonstraram estar empenhados em mudar os hábitos que eles consideram incorretos ou ruins, para eles mesmos ou para o meio ambiente. Exemplos de mudanças já ocorridas, desde o início do projeto, foram alimentar, produção agrícola, consumo etc. Para aqueles que dizem entender o conceito de agroecologia, trabalhar de maneira agroecológica é praticar bons hábitos. Parece, portanto, que a compreensão é só empírica. Pode-se chegar à conclusão que falta ainda ter uma visão ampla para contribuir mais na construção de um conhecimento agroecológico. Certamente, o desenvolvimento sustentável não se reduz só a adotar hábitos corretos. Neste sentido, sente-se que falta uma conexão com o projeto político dos criadores, que é de ser consciente da sua realidade para se organizar. Pode-se esperar que este aspecto seja mais trabalhado no futuro, principalmente, a partir do encontro geral de março de 2011 que tratou de modelos de desenvolvimento.

Como foi já ressaltado, a Escola Umbuzeiro se tornou gradualmente um projeto mais político, dentro do qual o processo de conscientização faz parte, e já não é mais um projeto prioritariamente técnico. Mesmo assim, os resultados mostraram que os elementos técnicos foram mais apreendidos pelos educandos e as comunidades. Parece que a sistematização, no entanto, contribuiu bastante já que ajuda o educando a refletir sobre aquilo que ele/a faz. Este elemento da metodologia, que está sendo aprofundado nesta segunda etapa, é, por conseguinte, muito valioso.

Nas entrevistas, a questão da parceria entre as pessoas e com o meio ambiente foi sempre destacada como fundamental para o desenvolvimento. Assim, as parcerias com instituições públicas e organizações civis serão sempre úteis na busca de um projeto de desenvolvimento sustentável participativo. Quanto maior a amplitude desta participação, maior será o impacto. No projeto Umbuzeiro, esta questão está em construção e deve ser aprofundada para adquirir a dimensão política desejada. Prova de que o enfoque do trabalho hoje está mais neste tema é a realização de reuniões bimensais entre nove organizações que trabalham com a agricultura familiar na região. Além disso, estas organizações estão engajadas conjuntamente na campanha contra os agrotóxicos e pela vida.

Para isso, a participação deve ser melhorada, principalmente, para a tomada de decisão sobre o conteúdo da formação, tomando um especial cuidado na compreensão sobre o que se decide. Além disso, a participação dos comunitários e representantes de organizações sociais, dentro de diversos espaços tais como os encontros regionais e as reuniões de subgrupo, deve continuar já que está ajudando também a construir o projeto. Esta interação permanente vai certamente contribuir muito no “empoderamento” das comunidades, para que elas possam tomar decisões relacionadas ao seu próprio desenvolvimento.

### **Agradecimentos**

Os participantes do projeto Umbuzeiro, sendo os coordenadores, estagiários, educandos, moradores das comunidades e técnicos das organizações.

### **Bibliografia Citada**

AB'SÁBER, Aziz. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. **Estudos Avançados**. São Paulo, ano 13, n.36, p. 07-59, 1999.

ALTIERI, Miguel. Linking Ecologists and Traditional Farmers in the Search for Sustainable Agriculture. **Frontiers in Ecology and the Environment**. Washington, ano 2, n. 1, p. 35-42, fev. 2004.

CELSO SCOGUGLIA, Afonso; REGNIER, Jean-Claude. Origines et évolutions de la pensée político-pédagogique de Paulo Freire. **Reliance**, Toulouse, ano 3, v. 4, n. 26, p.103-108, 2007.

MOREIRA, Rodrigo; DO CARMO, Maristela. Agroecologia na construção do desenvolvimento sustentável. **Agricultura em São Paulo**. São Paulo, v. 51, n. 2, p. 37 – 56, jul./dez. 2004.

THEODORO HUFF, Suzi, et. al. **Incorporação dos princípios agroecológicos pela extensão rural brasileira**: um caminho possível para alcançar o desenvolvimento sustentável. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.